

Autorias Equivocadas

Edimilson Caminha

Se o sonho de todo artista é imortalizar-se por meio da obra que produz, vê-la famosa, mas atribuída a outro criador, deve provocar-lhe um estranho e contraditório sentimento de alegria e frustração. Tomar-se equivocadamente a autoria de uma criação artística é caso que se perde na poeira do tempo: vejam-se, nas artes plásticas, as telas atribuídas a Ticiano, Velázquez, Rembrandt, que tanta polêmica despertam entre colecionadores e críticos. O engano, aí, por vezes involuntário, aproxima-se perigosamente da cópia, da falsificação, da fraude, com a intenção manifesta do ganho criminoso. Mesmo na música popular contemporânea, de mais fácil identificação, os deslizos acontecem: Lúcio Cardim, compositor de talento, morreu ouvindo elogios a Lupicínio Rodrigues pela beleza de "Matriz ou filial", que compusera sozinho: "Quem sou eu/prá ter direitos exclusivos sobre ela/se eu não posso sustentar os sonhos dela/se nada tenho e cada um vale o que tem." É no que dá ter o estilo dos mestres, tão característico que se torna marca registrada dos nomes famosos...



Na literatura, então, o problema é comuníssimo. Em crônica do livro *A estranha vida banal*, queixa-se Ferreira Gullar: "A crise não foi feita para humilhar ninguém – esse aforismo que escrevi em 1955 ganhou popularidade e terminou sendo atribuído a vários escritores, menos a mim: a Paulo Mendes Campos, Rubem Braga, Otto Lara Resende e até a Machado de Assis. E de pouco adiantou a proibição desses escritores (os vivos, naturalmente), apontando-me como o verdadeiro autor do aforismo que àquela altura já passava a ser atribuído a autores estrangeiros...". Nesse particular, aliás, o poeta não dá sorte. Contaram a Garcia Márquez que, quando perguntado se é Ferreira Gullar, o

maranhense, costuma responder: “Às vezes”. Chegando a Portugal, o romancista creditou a tirada, em uma entrevista, a Jorge Luís Borges... “É claro que tais confusões só me lisonjeiam”, consola-se o brasileiro.

Citado por Gullar, talvez seja Otto Lara Resende o maior frasista brasileiro – pelo que realmente disse e pelas dezenas de conceitos que jamais enunciou, mas que o público aclamou como seus. É curioso esse processo de “legitimação” de um bom achado, como se só tivesse valor, no entendimento de quem o concebeu, se dito por alguma “autoridade” no assunto... O mesmo acontece com piadas atribuídas, às vezes pelos próprios autores, a Jô Soares ou Chico Anysio. Morto em 1993, Otto Lara Resende, segundo a revista *Veja*, passou a vida repetindo que inventara apenas uma frase: “O mineiro só é solidário no câncer”. As outras ele achara “por aí”, dizia, aparentemente irritado com as histórias que o folclorizavam. Não deixava, porém, de reivindicar o que de fato era seu. Em carta ao jornalista Humberto Werneck, fala de matéria onde vira o conceito “Minas está onde sempre estive” como se preferido por José Maria Alkmin: “A tal frase (...) foi uma brincadeira deste seu amigo (...) A coisa foi em 1961, por ocasião da renúncia de Jânio. (...) Um capitão da Força Pública, me vendo no palácio [da liberdade], me abordava e pedia uma definição. Então um dia escrevi o manifesto que não definia nada e que acabava com essa máxima – Minas está onde sempre estive (inventada por mim na hora, quem sabe pelos fluídos do ambiente, pois eu estava na sala do governador). A menos que eu tenha captado uma mensagem mediúnica, ou que tenha repetido inconscientemente o que já tinha sido dito, o autor sou eu mesmo...”. E reconhece: “Essas frases em geral correm mundo”, com o que concordava Tom Jobim: “Vivo me justificando das coisas que não disse. O pessoal inventa tanta coisa que no fim você não tem tempo de ser todas elas”.

Em 1989, três agências de publicidade brasileiras estamparam, em mensagens de Natal para clientes e amigos, o poema “Instantes”, tido como de Jorge Luís Borges:

Se eu pudesse viver novamente a minha vida,
na próxima trataria de cometer mais erros,
(...)

Eu era um desses que nunca ia a parte alguma
sem um termômetro, uma bolsa de água quente, um guarda-chuva
e um pára-quebras: se voltasse a viver, viajaria mais leve.
(...)

Mas já viram, tenho 85 anos e sei que estou morrendo.

Mais cuidadosa, a Caio Domingos e Associados decidiu contactar a editora do poeta em Buenos Aires para que autorizasse a publicação dos versos. Soube, então, da disputa judicial entre os editores argentinos e a Bantam Books, dos Estados Unidos: o original estaria no livro *The journey of awarking*, de Sam Bass (Borges, então, seria apenas o tradutor?). Para garantir-se, a agência sugeriu transcrever “Instantes” atribuindo-o ao poeta norte-americano. No entender de Antônio Batista, diretor de criação da Caio e autor da peça, o episódio mostra que a propaganda brasileira anda meio carente de coisas realmente boas: “Quando um texto como esse nos cai na mão, sai todo mundo doido para fazer alguma coisa com ele.”

Na década de 80, Eduardo Alves da Costa escreveu o belíssimo poema “No caminho, com Maiakovski”. Até hoje deve arrepende-se de tê-lo batizado assim: por causa da alusão ao título, passou a ser citado – e copiado, xerocado, declamado – como se fosse do poeta russo. Os versos que se tornaram célebres, reproduzidos como a íntegra do poema, são, na verdade, um trecho do original:

Na primeira noite eles se aproximaram
e roubaram uma flor
do nosso jardim.
E não dizemos nada.
Na segunda noite, já não se escondem:
pisam as flores,

matam nosso cão.
e não dizemos nada.
Até que um dia,
o mais frágil deles
entra sozinho em nossa casa,
rouba-nos a luz, e,
conhecendo nosso medo,
arranca-nos a voz da garganta.
E já não podemos dizer nada.

Não bastasse a injustiça para com o autor verdadeiro, o excerto, à medida que se popularizou, sofreu algumas alterações: roubam, no 2º verso, passou a colhem; luz, no verso 12, virou lua, e, entre o penúltimo e o último verso, incluiu-se um apócrifo, ficando assim o final (mais expressivo e literariamente melhor do que o outro, reconheça-se):

E porque não dissemos nada,
já não podemos dizer nada.

“Nem tudo é lama”: com essa manchete, o Jornal do Brasil do dia 20 de dezembro de 1993 anunciou a descoberta, por assessores do Centro de Informática e Processamento de Dados do Senado Federal, de crônica sem o nome do autor – depois identificado como Carlos Drummond de Andrade – no computador de um dos diretores da empreiteira Norberto Odebrecht, em meio a nomes de políticos, relações de obras e tabelas de propinas. “O fato, de tão inusitado, fez com que um desses assessores, encantado mesmo sem saber que tratavam-se de palavras de autoria de Carlos Drummond de Andrade, saísse distribuindo cópias pelos gabinetes do Congresso.” Na edição seguinte, o JB faz a correção: “Texto poético da CPI é de Artur da Távola”. E esclarece: “Apesar de pertencer a Artur da Távola, a crônica é fartamente distribuída no Rio de Janeiro, numa espécie de corrente (onde cópias xerocadas enfeitam cadernos de adolescentes e até de alguns adultos), com a assinatura de Carlos Drummond de Andrade.”

O texto – publicado pelo jornal sob o título “Namorado: ter ou não, é uma questão” – chama-se, de fato, “Quem não tem namorado”, e encontra-se no livro *Amor a sim mesmo*, em que Artur da Távola reúne parte das suas melhores crônicas. Como é de costume, a difusão do original impôs-lhe várias modificações, algumas para melhor (o que, naturalmente, não justifica a mutilação, por mais enriquecedora que possa parecer). Interessante esse processo, em que simples copistas se transformam em co-autores indesejados... Veja-se, por exemplo, a frase inicial: “Quem não tem namorado tirou férias do melhor de si.” Na “versão drummondiana”, lemos: “Quem não tem namorado tirou férias não remunerada de si mesmo” – que não podemos dizer seja pior do que a primeira.

O sétimo parágrafo, conforme o escreveu Artur da Távola, é este: “Não tem namorado quem não sabe o valor de olhar encaulado; de carinho escondido ou flor catada no alto do muro e entregue de repente: gargalhada, quando fala ao mesmo tempo ou descobre a meia rasgada: de ânsia enorme de viajar para a Escócia ou mesmo de metrô, bonde, nuvem, cavalo alado, tapete mágico, bugre, foguete interplanetário, ou carrossel de parque suburbano”. Eis como ficou, graças a participação de “colaboradores anônimos”: “Não tem namorado que não sabe o valor de mãos dadas, de carinho escondido na hora em que passa o filme, de flor catada no muro e entregue de repente, de poesia de Fernando Pessoa, Vinícius de Moraes ou Chico Buarque lida bem devagar; de gargalhada quando fala junto ao descobre a meia rasgada; de ânsia enorme de viajar junto para a Escócia ou mesmo de metrô, bonde, nuvem, cavalo alado, tapete mágico ou foguete interplanetário.”

É fácil explicar por que a bela crônica de Artur da Távola acabou por celebrar-se como de Drummond: a delicadeza, o lirismo, a leveza, o humor são tipicamente drummondianos, o que não depõe, em nenhum sentido, contra quem a produziu. Artur da Távola não imitou, plagiou ou criou à maneira de Drummond: provou apenas que escreve tão bem e bonito quanto ele, o que o consagra com um dos melhores e mais talentosos cronistas da literatura brasileira.

Em 19 de julho de 1992, o jornalista Carlos Castello Branco escrevia, na famosa coluna que assinava no Jornal do Brasil, sobre as dificuldades que enfrentaria Itamar Franco caso viesse a confirmar-se presidente da república. E ponderava, com o conhecimento que dele fizera um dos mais respeitados comentaristas políticos de nossa imprensa: “Itamar Franco é sabidamente um político honrado, acima de qualquer suspeita, mas é uma natureza difícil alimentada nos refolhos de uma política de campanário que se desenvolve menos em Minas Gerais, celeiro de homens públicos, do que no seu município, na sua cidade, que Manuel Bandeira chamou de linda mas que levou Murilo Mendes, ali nascido, a parabenizar o poeta Pedro Nava por ter decidido a deixar Juiz de Fora, Itamar também precisa sair de Juiz de Fora.”

Quatro dias depois, Castello transcreve carta em que o próprio vice-presidente enumera fortes laços familiares que o ligam à terra que adotou como natal. E acrescenta: “A citação poética, atribuída ao juiz-forano Murilo Mendes, ficou incompleta. O episódio foi de pronto recomposto e concluído com a serenidade do nosso Carlos Drummond de Andrade: Meu amigo Pedro Nava não brigou com Juiz de Fora. Parabéns Pedro Nava/parabéns a Juiz de Fora.

Equivocara-se o jornalista e, por tabela, o mineiro Itamar. A quadrinha não fora escrita por Murilo Mendes, nem Drummond a glosara daquela maneira. São mesmo do poeta de Itabira os versos originais.

Meu amigo Pedro Nava
regressou de Juiz de Fora.
Parabéns a Pedro Nava,
parabéns a Juiz de Fora.

Encontrei-os na ata do *Sabadoyle* de 4 de junho de 1983, comemorativo dos 80 anos do memorialista, na qual Afonso Arinos de Melo Franco reproduz corretamente a gozação drummodiana¹. Em telefonema para Carlos Castello Branco, apresentei-me como cearense, leitor fiel da coluna e assessor legislativo da Câmara dos

Deputados, observando-lhe o *lapsus memoriae* que cometera. Ao mesmo tempo – vim a saber depois – o Deputado Agostinho Valente, do PT mineiro, utilizara o fax da colega Sandra Starling para criticar a opinião do cronista quanto à presença de Minas na política brasileira. No JB de 26/7/1992, Castello voltou ao tema. E fez a maior confusão, trocando a identidade dos leitores que o haviam procurado. Depois de historiar o assunto, registrou: “Um deputado do PT cearense, Edimilson Caminho, drummondiano, reivindica para seu ídolo a autoria da brincadeira (...) Não acabou a história, pois ainda recebi um fax do gabinete de outra deputada do PT, a mineira Sandra Starling. Era o protesto de seu assessor Agostinho Valente contra alusões maliciosas a Itamar, o prefeito que modernizou Juiz de Fora, e à própria cidade.” Com o fino humor que o caracterizava, conclui o jornalista, ante o quiproquó que involuntariamente alimentara: “Desconfio que já sou eu quem deve se mudar de Juiz de Fora já”.

Elevado à importância de deputado pelo Ceará – enquanto o político mineiro se via rebaixado à simples condição de assessor – enviei carta ao cronista, estabelecendo a verdade e fazendo-lhe um pedido: que não se negasse a depor em minha defesa, na hipótese de o Partido dos Trabalhadores resolver processar-me por falsidade ideológica...

NOTA

1 – Em correspondência que me remeteu posteriormente, Fernando Py, dono de uma das mais completas drummondianas brasileiras, dá outras informações: “Os versos de Drummond sobre Pedro Nava foram publicados pela primeira vez, que eu saiba, no primeiro número do jornalzinho *Leite Crioulo*, de João Dornas Filho, em 13 de maio de 1929. Com o título de “Parabéns”, encontra-se no vol. III de *Boitempo*, chamado *Esquecer para lembrar* (Rio, José Olympio, 1979, p.169): na edição da Record, está no segundo volume, p. 237.” Pode também ser encontrado – acrescentamos nós – na p. 728 da coletânea *Carlos Drummond de Andrade – poesia e prosa* (6.ed. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1988).